

1 Doutor em Estudos Literários - UNESP. Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – Campus Marco Zero – Macapá.

E-mail:
 emersondepaulaubuntu@gmail.com

2 Licenciada e Bacharela em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Empreendedora Cultural. Gestora Cultural pelo IF Sul de Minas e Educadora Social pela Fábrica de Conquistas.

E-mail: larissa.garcia.ac@gmail.com

Relato de Experiência

TEATRO COM E A PARTIR DA COMUNIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA TEATRAL COM DEPENDENTES QUÍMICOS

THEATER WITH AND FROM COMMUNITY: REPORT OF EXPERIENCE OF A THEATRICAL PRACTICE WITH CHEMICAL DEPENDENTS

TEATRO CON Y BASADO EN LA COMUNIDAD: INFORME DE EXPERIENCIA DE UNA PRÁCTICA DE TEATRO CON DEPENDIENTES QUÍMICOS

Emerson de Paula¹

Larissa Garcia Oliveira Costa²

Resumo

Este relato de experiência constitui um registro reflexivo de uma prática extensionista em Teatro realizada com a graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (DEART/IFAC/UFOP), abrangendo o registro de uma prática, estudo e reflexões acerca do Teatro Comunidade em uma clínica para homens dependentes químicos e/ou alcoólicos em recuperação, apresentando desdobramentos e conexões de uma prática teatral a partir da natureza do seu público.

Palavras-chave: Teatro. Comunidade. Dependente químico. Jogo teatral.

Abstract

This experience report is a reflective record of an extension worker practice in Theater carried out with the undergraduate degree in Performing Arts of the Arts Department of the Institute of Phi-

losophy, Arts and Culture of the Federal University of Ouro Preto (DEART / IFAC / UFOP), encompassing the registration of a practice, study and reflections about Community Theater at a clinic for drug addicted and / or alcoholic men in recovery, presenting developments and connections of a theatrical practice based on the nature of its audience.

Keywords: Community. Theater. Chemical dependent. Theatrical game.

Resumen

Este informe de experiencia constituye un registro reflexivo de una práctica de extensión en teatro realizada con la licenciatura en Artes Escénicas del Departamento de Artes del Instituto de Filosofía, Artes y Cultura de la Universidad Federal de Ouro Preto (DEART / IFAC / UFOP), que cubre el registro de una práctica, estudio y reflexiones sobre el Teatro Comunitario en una clínica para hombres adictos a las drogas y / o alcohólicos en recuperación, presentando desarrollos y conexiones de una práctica teatral basada en la naturaleza de su audiencia.

Palabras clave: Teatro. Comunidad. Dependiente químico. Juego teatral.

Introdução

A prática teatral aqui relatada aconteceu em 2011, no CETERVIDAS - Centro Terapêutico Recanto da Vida, na cidade de Ponte Nova – MG, uma clínica para homens dependentes químicos e/ou alcoólicos em recuperação. Essa ação foi decorrente de dois processos de prática pedagógica em Teatro presentes no currículo, à época, do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – MG.

Um dos processos diz respeito ao oferecimento da disciplina “Teatro no Ensino Profissionalizante”, que buscava abranger práticas pedagógicas em Teatro no contexto da educação formal, por meio de cursos técnicos em Teatro, bem como no contexto da Educação não formal, compreendida em Organizações Não Governamentais (ONG’s), espaços religiosos, comunidades, grupos de teatro, fábricas, presídios, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE’S), centros de atendimento psicossociais entre outros.

Concomitante, foi sugerido o diálogo dessa disciplina com o Estágio Supervisionado 2, que ofertava, naquele momento, a vivência de processos de investigação e problematização da realidade do Teatro/Educação, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromissos inerentes à profissão docente em espaços formais e informais. O docente responsável por tais disciplinas apresentou aos/às discentes diversos espaços nos

quais o fazer teatral poderia se fazer presente e ser trabalhado a partir das diferentes comunidades que tais espaços abrigavam/congregavam. Assim, um grupo de alunos optou por fazer uma ação extensionista com o CETERVIDAS.

Esse processo, que contou com o apoio e acompanhamento direto do docente, objetivou promover processos marginais do fazer cênico por meio do teatro comunitário, buscando o potencial ético e estético do corpo não profissionalizado para a construção de possibilidades poéticas. Nesse caminho, algumas questões permearam o grupo que realizaria a oficina: Como trabalhar com essas pessoas? De que forma lidaremos com a questão da ressocialização dos internos e da tentativa de propor a eles uma autodescoberta e a reflexão de como eles se inserem no mundo e como o mundo os insere na comunidade a que pertencem? Como fazer isso sem invadir a privacidade de cada um, respeitando suas questões e seus limites? É esse caminho e suas encruzilhadas que desbravaremos agora.

Sobre o projeto

Após a escolha do público-alvo a ser trabalhado e de visita prévia ao espaço escolhido, o grupo de trabalho criou o Projeto DEPENDENTES DE ARTE, que consistiu em aulas de Teatro (mescladas com outros tipos de Artes, principalmente a Música) para os dependentes que possuíam, em 2011, idade entre 23 e 60 anos. Pretendeu-se, primeiramente, com essa ação, alcançar o autoconhecimento de cada um e a descoberta do seu eu e de como esse eu se (re) insere na sociedade em geral, após imersão em um processo pedagógico em Teatro, uma vez que a Arte:

[...] é uma potente forma de comunicação, utilizando a linguagem não verbal facilitando uma conexão com o nosso interior, abrindo-nos e trazendo à tona elementos, experiências e sentimentos que estão latentes em nosso subconsciente. A arte tem papel tanto de expressão como de integração. (ARTETERAPIA, *on-line*).

A Arte pode ser um caminho de reinserção de forma consciente e sensível desses sujeitos na sociedade, tendo em vista que todos, por causa da dependência, excluíram-se dela, sendo, posteriormente, excluídos por ela. Sabe-se que a dependência química acarreta prejuízos não apenas à saúde física e psicológica do usuário como também a sua convivência profissional, familiar e social. Por ser um assunto delicado, é, muitas vezes, silenciado ou tratado de modo moralista e pouco eficaz no sentido de sensibilizar as pessoas para o tratamento, principalmente quando a questão é percorrida por mitos e preconceitos de várias ordens, sendo rapidamente associada à exclusão e à marginalidade. Por meio do Teatro, buscou-se criar processos que

contribuíssem para a reinserção de tais sujeitos na sociedade, trabalhando a autoconfiança, o autoconhecimento e a autoestima. É certo que

[...] muitos são os casos de pessoas que se conhecem melhor, sentem melhor, pensam melhor e fazem melhor após ter contato com a arte, justamente pelo fato de as artes serem parte integrante do ser humano. Sabemos que o intelecto não é a única via de conhecimento. Não conhecemos uma cidade lendo seu guia telefônico ou olhando sua cartografia. É preciso algo mais. É necessário integrarem-se outros meios: sentimentos, emoções e a própria atividade do ser humano, que é muito mais valiosa. (WEINREB; WOSIAC, 2012, *on-line*).

O fazer teatral, nessa experiência, foi compreendido não só no âmbito educativo, mas também social, com o objetivo de desenvolver as potencialidades dos internos e de sua posterior participação na sociedade.

CERTEVIDAS: espaço e comunidade

O CETERVIDAS – Centro Terapêutico Recanto da Vida – localiza-se na zona rural da cidade de Ponte Nova, Minas Gerais. É uma clínica para homens dependentes químicos e/ou alcoólicos em recuperação. O Centro se encontra em um sítio com ampla área verde, possui uma quadra de cimento (para prática de vôlei e peteca), um campo de areia (para a prática de futebol), uma horta e um pomar, um pasto e uma casa com três quartos, sendo dois divididos pelos internos e um para o coordenador.

A clínica, em 2011, tinha capacidade para 15 internos. Trata-se de uma clínica particular, mas que recebe contribuições da Prefeitura local através de subvenção via Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação. Existem, também, os indivíduos que estão no Centro cumprindo ordens judiciais, isto é, que cometeram algum crime leve por consequência do uso de drogas e passam por tratamento como medida judicial, sendo mantidos pelo poder público local. Além dos internos, existem dois coordenadores, que se revezam de sete em sete dias para coordenar a clínica, e um voluntário, que ministra aulas de Artesanato uma vez por semana. Geralmente, os coordenadores são ex-internos que terminaram o tratamento de forma adequada, segundo os parâmetros estabelecidos pela clínica.

O CETERVIDAS funciona como uma comunidade, e foi possível observar que a relação entre os internos é muito tranquila. No fim do dia, eles fazem um levantamento de tudo o que aconteceu durante a rotina e, caso tenha ocorrido algum desentendimento, esse é resolvido. A cada semana, os internos são divididos para a execução das tarefas, que são: cozinhar (café, almoço e jantar), cuidar da horta, fazer a limpeza, cuidar do gado. As regras são rígidas e tudo tem a hora certa para ser feito.

O tratamento tem duração de nove meses, seguindo os doze passos dos Narcóticos Anônimos, uma associação comunitária de adictos de drogas em recuperação, presente em mais de 130 países. Esses passos são divididos ao longo desses nove meses, e só se vai de um passo para o outro quando o anterior estiver alcançado. Ao final de sete meses, os internos começam a ir para suas respectivas casas durante o fim de semana, como início do processo de ressocialização, para retomar o contato com a comunidade externa e para que comecem a procurar emprego. Os internos só recebem visita de familiares no primeiro domingo de cada mês.

O fazer teatral na comunidade a partir das especificidades dessa comunidade

A oficina acontecia na quadra de cimento do Centro Terapêutico, um local aberto que tem muitas árvores em volta, o que nos dava uma sensação de liberdade, mesmo sendo um local onde eles ficam reclusos. Em relatos feitos pelos internos durante o processo de Teatro com essa comunidade, os mesmo relataram que, como dependente químico, a pessoa vai perdendo a identidade, passando a não saber mais quem é e qual o seu lugar na sociedade; a droga passa a ser o centro da vida e a comandá-la. Esse foi um dos pontos que instigaram o trabalho com esse público, bem como o interesse em levantar a temática de identidade com os adictos. De acordo com Vibranski (2002), citado por Valladares (2008, p. 15), “A droga seduz e convida maliciosamente para uma aventura perigosa e excitante [...], na maioria das vezes sem volta. A ação criativa estimula a pulsação de vida que cada um tem dentro de si. E a VIDA é, de fato, a maior e mais completa AÇÃO CRIATIVA.”

Nesse sentido, a oficina de Teatro buscou despertar a ação criativa de cada um e que essa criatividade fosse a pulsação para o desejo de querer se colocar novamente na sociedade sem se marginalizar em relação a ela. Foram propostos exercícios corporais e de respiração individuais e em grupo para que estabelecêssemos uma relação de confiança uns com os outros. Passamos por jogos teatrais que trabalharam, ao mesmo tempo, concentração, percepção do próprio corpo, do corpo do outro e atenção ao espaço.

Aos poucos, fomos inserindo a temática da identidade esforçando-nos para não sermos invasivos, passando pela descoberta do próprio corpo e de como se colocar naquele espaço. Após cada encontro, havia uma roda de conversa com os internos no intuito de promover a avaliação da oficina e a possibilidade de transposição do processo de aprendizagem em Teatro para a vida diária.

A grande maioria nunca havia feito Teatro ou tido contato com Arte alguma, com exceção de alguns, que eram músicos; um deles, inclusive, havia trabalhado como maestro a vida toda. Durante os meses que se seguiram, todos se dedicaram e participaram ativamente. Aos poucos, a prática pedagógica em Teatro promoveu uma evolução para com o fazer teatral surpreendente para nós e para eles próprios. Víamos essa evolução toda semana, mas, quando chegava algum interno novo, percebíamos mais ainda a diferença entre os que estavam participando das aulas desde o início e os novos participantes.

Aplicamos jogos teatrais a partir de propostas metodológicas de Viola Spolin e de Augusto Boal, buscando propiciar aos sujeitos envolvidos no processo uma consciência maior de si e do outro e desses mesmos indivíduos dentro da sociedade, pois “[...] os jogos [...] tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são *extroversão*.” (BOAL, 2006, p. 87.)

O que procuramos apresentar a esse grupo/comunidade é que o fazer teatral não é somente decorar um texto e se apresentar num palco; o Teatro vai muito além disso. Viganó (2006, p. 99) também compartilha da ideia de que o Teatro vai muito além do palco nos apontando que:

[...] o teatro [é caracterizado] como um espaço de encontros, de desnudamentos, de descobertas e revelações, um constante ciclo de morte e renascimento que vai escrevendo histórias pessoais e coletivas. Mais do que uma arena de exposições e veiculação de imagens vazias, um espaço onde atores e espectadores se encontram para compartilhar uma experiência única.

O fazer teatral nos auxilia no encontro com a livre expressão mesmo com as regras. Com o público em questão, procuramos mostrar que é possível viver a liberdade ainda que dentro de uma sociedade tão regrada. Regras são reformuladas se necessário e são passíveis de transformações se for da vontade de todos num grupo ou numa comunidade, uma vez que

Na instituição lúdica, a regra pressupõe processo de interação. O sentido de cooperação leva ao declínio do misticismo da regra quando ela não aparece como lei exterior, mas como o resultado de uma decisão livre porque mutuamente consentida. Evidentemente, cooperação e respeito mútuo são formas de equilíbrio ideais, que só se realizam através de conflito e exercício da democracia. O consentimento mútuo, o acordo de grupo determina as possibilidades de variação da regra. (KOUDELA *apud* CAPECHI; GOMES; MARQUES, 2017, p. 696).

Sendo assim, o jogo teatral funcionou como um importante instrumento para que os participantes da oficina se permitissem fazer parte de um grupo, jogando com seus parceiros, e ainda que houvesse regras, todos podiam ajudar na criação de novas.

Em relação à problemática dos dependentes químicos, o trabalho em um contexto de grupo foi de extrema importância, uma vez que, no caso em questão, existiam dificuldades no relacionamento social saudável desses internos com a comunidade externa e com a comunidade que o espaço CETERVIDAS passou a configurar em suas trajetórias de vida. A cada etapa, discutíamos o que o grupo havia feito. Nessa discussão, todos participavam ativamente colocando a sua opinião e ajudando uns aos outros. Tudo era acordado entre o grupo e nós, docentes, estávamos nos papéis de instigadores da criação. Tudo isso estava relacionado com o nosso objetivo inicial, que era o de se conhecer e de se recolocar na sociedade.

Quando discutíamos o que havíamos feito, tentávamos fazer com que eles próprios percebessem o que aquele jogo, por mais simples que fosse, tinha a ver com suas vidas. Numa criação de cena a partir da improvisação com objetos, eles apontaram, por exemplo, que em qualquer trabalho que fossem executar, ao sair dali, precisariam reaprender a trabalhar em grupo, já que todos sempre falavam do “poder” que a droga tinha de fazer com que se excluíssem da sociedade. Além disso, para se manter em grupo, tentávamos ressaltar a necessidade de se relacionar com as pessoas, pois é preciso descobrir-se dentro do seu próprio mundo pessoal.

A avaliação geral desse projeto foi realizada ainda por diferentes sujeitos. Os participantes foram ouvidos sistematicamente aula a aula, sempre com vistas a avaliar o que foi aproveitado e assimilado, o que havia funcionado ou não e por quê. Ouvimos, também, os relatos variados dos coordenadores do Centro Terapêutico que acompanhavam as oficinas, a fim de saber o que modificava, na visão desse grupo, a nossa presença no espaço/comunidade a que pertenciam. A avaliação mais contundente focou na observação constante da evolução dos participantes em seus potenciais expressivos, ou seja, a avaliação pode ser a própria propulsora do processo de aprendizagem, pois, quando realizada constante e ininterruptamente, a avaliação do desenvolvimento permite apurar o alcance ou não dos objetivos propostos.

A vontade expressa pelos participantes do projeto em continuar as práticas teatrais se apresenta como estímulo às instituições de ressocialização a apoiarem esse tipo de iniciativa, tendo em vista que, na maior parte do tempo que passam reclusos, os internos se mantêm, em geral, na ociosidade ou numa rotina diária fixa. Por isso, acreditamos que o Teatro tenha sido tão bem recebido por eles dentro do CETERVIDAS, já que o mesmo não era uma atividade obrigatória. Participar da oficina de Teatro era um ato de escolha pessoal capaz de gerar processos pessoais de autorreflexão no/com e para o coletivo.

Com e a partir da comunidade: apontando conclusões

Acreditamos que o Teatro seja formador de sujeitos, auxiliando no desenvolvimento corporal, social e cognitivo do indivíduo. Mas qual seria a função do Teatro dentro de uma comunidade de dependentes químicos? O indivíduo é um ser em formação constante, pois nunca deixa de aprender ou de se modificar, e o Teatro pode ser um colaborador nesse processo pessoal de desenvolvimento, sobretudo para esse público e pelas especificidades que o mesmo possui.

Dentro desse ambiente, tivemos um ponto ao nosso favor: o fato de que tínhamos apoio total da Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação de Ponte Nova e dos dirigentes da clínica. Isso nos ajudava no desenvolvimento de nosso trabalho, aliado ao fato de os próprios internos participarem ativamente da proposta.

Percebemos que o CETERVIDAS é um espaço de saúde, mas que passa a se configurar como uma comunidade criada a partir de especificidades que unem pessoas diversas em busca da resolução de uma questão comum, para que, após meses de uma vivência em reclusão da sociedade em geral, possam se reconstruir junto às diversas comunidades a que pertencem. Adentrar a comunidade CETERVIDAS, apresentar a proposta de trabalho, ouvir os participantes dessa comunidade para efetivação de um projeto final de aplicação do fazer teatral foram fundamentais, pois “[...] os artistas baseados na comunidade valorizam o engajamento profundo com os participantes da comunidade.” (CRUZ, 2008, p. 114). Para o aprofundamento dos licenciandos em Artes Cênicas, o processo formativo se tornou singular, uma vez que “[...] entram na comunidade convidando as pessoas a contarem histórias ainda não ouvidas.” (CRUZ, 2008, p. 114)

Na tentativa de apontar alguma conclusão, percebemos, com essa vivência, que, mais do que a realização de um produto teatral final a ser apresentado a um público, foram o processo vivenciado e a experiência criativa e criadora que proporcionaram um entendimento de cada participante envolvido, direta ou indiretamente, como elemento importante na construção de uma comunidade de transformação, por dentro e para fora.

Referências

ARTETERAPIA. **Blog naturologia é vida**. Disponível em: <https://naturologiaevida.wordpress.com/terapias/arteterapia/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAPECCHI, M. C. V. de M.; GOMES, V. M. S.; MARQUES, M. Por uma didática mediada pela sensibilidade: no caminho de um ser professor. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 250, p. 690-709, dez. 2017.

CRUZ, J. C. Entre o ritual e a arte. **Urdimento**, v. 1, n. 10, 2008.

KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VALLADARES, A. C. A. *et al.* "Arteterapia: criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos". In: JORNADA GOIANA DE ARTETERAPIA, 2., 2008, Goiânia. **Anais**. Goiânia: FEN/UFG/ABCA, 2008.

VIGANÓ, S. S. **As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático**. São Paulo: Hucitec, 2006.

WEINREB, M. E.; WOSIACK, R. M. R. **Arteterapia instrumento de transformação social**. [Projeto de extensão]. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2012.

Recebido em: 31 de maio de 2020.

Aprovado em: 14 de agosto de 2020.